

avança, muda consoante o tipo de cinema que está a ser evocado. Por exemplo, no primeiro quadro, que remete para a pornografia e em que Courtney esboça referências a práticas de *bondage*, dominação, submissão e masoquismo (BDSM), a marioneta simboliza, acima de tudo, uma boneca sexual. Que, insiste a criadora e *performer*, é mais do que uma boneca sexual. “Durante a minha pesquisa, assisti a alguns documentários sobre pessoas que vivem com estas bonecas e, sim, existe um lado que tem que ver com sexo, mas há também, em alguns casos, um elemento de companhia que acho tocante.”

A presença da marioneta é fundamental porque, afirma a britânica, *Hunter* gira também em torno da auto-aceitação. “Sempre senti alguma atracção pelas coisas mais mórbidas na vida, ou por fetiches sexuais, ou por outras coisas que são consideradas tabu. O risco intriga-me, na verdade. Tive uma educação católica, numa aldeia piscatória muito pequenina na zona Nordeste da Escócia: cresci rodeada de portas e mentalidades fechadas. Acho, portanto, que procurar aceitar-me a mim própria é algo com que me ocupo bastante por estes dias. É por isso que a sósia não poderia ser substituída por nenhuma intérprete humana. Tinha mesmo de ser simplesmente eu.”

Em certas partes do espectáculo, Courtney inflige alguma dor a si mesma, mas “tudo é feito com total autoridade e consentimento”, frisa. “E quando pensas na pornografia *mainstream* e sobretudo no cinema de terror *mainstream*, quando pensas no arquétipo da *final girl*... A *final girl* raramente está no poder. E se por acaso estiver no poder, é vista

como sendo delirante e histérica”, assinala. “Aqui, eu tenho todo o controlo.” É, então, como a própria escreve na sua sinopse: aqui, o grotesco, a suposta “perversão sexual” e o “excesso emocional” tornam-se “símbolos de autonomia corporal e empoderamento”.

O pai humanista e colonizador

Les Lettres de Mon Père, que ocupa este fim-de-semana o Teatro Carlos Alberto, é outra das propostas deste 37.º FIMP (que, também este fim-de-semana, leva ainda *Shrimp Tales*, da aclamada companhia neerlandesa Hotel Modern, ao Campo Alegre), e é outro espectáculo em que a criadora contracena com o seu duplo em forma de boneca. Agnès Limbos, experiente figura do teatro de objectos europeu, revisita as mais de 45 cartas que recebeu do pai em 1960, quando ela era uma criança de oito anos a viver na Bélgica natal com o tio padre, à guarda dela e dos seus quatro irmãos (dois mais velhos, dois mais novos), e ele estava no Congo Belga, a ensinar jovens educadores que trabalhavam com crianças congolesas desalojadas “a ler, a dinamizar jogos infantis e a construir pequenos refúgios, coisas desse género”.

Diz-nos a própria Agnès que na altura lidou muito mal com a distância que então a separava dos pais (“Isto foi mesmo na altura da independência do Congo, em 1960, um período de muitos conflitos. Foi uma experiência traumática, achava genuinamente que ficaria órfã”) e que hoje reconhece facilmente nas cartas do pai uma visão profundamente paternalista daquele que era, naquele momento, o mundo à sua volta.

“Ele era uma pessoa muito simpática. E aquilo que fez, fê-lo com a convicção de que estava a fazer o bem – comparo-o a um escuteiro idealista, empenhado em mudar o mundo e em ser bom para aqueles à sua volta. Mas havia no seu pensamento aquilo que havia no de tantas outras pessoas brancas no período colonial”, diz Agnès, que releu as cartas do pai pouco antes de ser entrevistada por Margarida Calafate Ribeiro e Fátima da Cruz Rodrigues para o livro *Des-cobrir a Europa: Filhos de Impérios e Pós-Memórias Europeias* (2022). Diz-lhes: “O meu pai era um humanista, mas para ele um africano era um ser inferior que ele deveria ajudar. Reproduz [nas cartas] esta visão dos negros que bebem álcool, fumam erva, roubam, não são iguais aos brancos. E nós crescemos com estas imagens. É muito



Em *Les Lettres de Mon Père*, Agnès Limbos contracena com o seu duplo em forma de boneca

complexo, porque por um lado era um humanista, mas era também um colonizador. Ele impunha a sua cultura, a sua maneira de pensar.”

Margarida e Fátima, diz Agnès, incentivá-la-iam a fazer algo a partir das cartas do pai. Em palco, a criadora, hoje com 73 anos, senta-se num sofá vermelho para ler alguma da correspondência ao seu “eu” de oito anos, a marioneta que senta no seu colo. Era nos dois sofás do escritório do tio que Agnès e os irmãos se sentavam para ouvir atentamente o tio, que lhes lia as mensagens do pai quando havia novidades na caixa de correio.

“O meu tio era uma pessoa muito simpática e cuidou muito de mim. Mesmo depois do regresso dos meus pais a casa, mantive uma relação significativa com ele”, recorda. “Acho que me percebia. Tal como eu, tinha uma veia artística: dedicava-se muito, por exemplo, à escultura – eram sempre esculturas para a igreja, mas pronto. Inicialmente, o meu pai não queria muito que me dedicasse ao teatro, mas o meu tio apoiou-me. Estava sempre lá para me dar um empurrão na direcção certa. Tive sorte em tê-lo na minha vida.”

Em palco, Agnès socorre-se de pequenas maquetes minimalistas para reconstituir os cenários desse ano que passou longe dos pais, regressados ao Congo Belga por vontade do pai – a família já lá havia estado toda junta antes da independência. Se do pai não faltou comunicação, da mãe só recebeu uma carta durante aquele ano. “Não era uma pessoa muito calorosa, sempre foi muito rígida”, afirma. Não que pareça guardar rancor. “Quando os meus pais começaram a envelhecer, comecei a entrevistá-los episodicamente, para poder conhecê-los um bocadinho melhor. E acho que, quando os teus pais já não te afectam tanto, comesas a conseguir vê-los mais como pessoas normais que estão a dar o seu melhor do que como os teus pais.”

Era significativamente mais difícil

quando Agnès, como a sua sósia em forma de marioneta, era uma criança de oito anos, sentada com os irmãos no sofá vermelho do tio, à espera de um envelope dos pais, à espera de algo que explicasse aquela sua decisão inexplicável de deixar os cinco filhos para trás.

Duas sósias a cuspirem para cima uma da outra?
“Ternurento: parece que estamos a cuidar uma da outra”
Courtney May Robertson

EM TRÂN-SITO

2025

artes performativas para novos públicos

15 outubro a 13 novembro

COVILHÃ - BOIDOBRA - TEIXOSO

FINANCIAMENTO

REPÚBLICA PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

ARTES

DIRECÇÃO GERAL DAS ARTES

COVILHÃ

MUNICÍPIO A AUTÓNOMO

Beira Serra

Associação de Desenvolvimento | G2

biblioteca municipal covilhã

Teatro das Beiras

JORNAL DO FUNDÃO

NOTÍCIAS DA COVILHÃ

rcb

Rádio Cova do Beiro

COVILHÃ

Escola Secundária Campos Melo

ESPAÇO PARA O PRETO